



I O R N A D A
D O A R C E B I S P O

DE GOA DOM FREY ALEIXO
DE MENEZES PRIMAZ DA IN-
DIA ORIENTAL, RELIGIOSO
da Ordem de S. Agostinho.

Quando foy as Serras do Maluar, & lugares em que morão os antigos Chri-
stãos de S. Thome, & os tirou de muytos erros & heregias em que es-
tauão, & reduzio à nossa Sancta Fê Catholica, & obediencia da
Santa Igreja Romana, da qual passaua de mil an-
nos que estauão apartados.

*Recopilada de diuersos tratados de pessoas de autoridade, que a tudo forão presentes,
Por Frey Antonio de Gouuea Religioso da mesma Ordem de Santo Agosti-
nho, lente de Theologia, & Prior do Conuento de Goa.*

Dase noticia de muytas cousas notaucis da India, de
que a não auia tão clara.

*Dirigida ao Reuerendissimo Senhor Dom Frey Agostinho de
I E S V Arcebispo, & Senhor de Braga, Primaz das
Hespanhas Religioso da mesma Ordem.*



E M C O I M B R A .

Na Officina de Diogo Gomez Loureyro Impressor da Vniuersidade;

Com licença do Sancto Officio, & Ordinario.

Anno Dñi 1666.



A «Jornada do Arcebispo»

A *Jornada do Arcebispo* é o relato da visita do arcebispo de Goa, D. Frei Aleixo de Meneses, à numerosa e milenária comunidade dos cristãos de S. Tomé, que os portugueses encontraram na Serra do Malabar, ao chegar à Índia. A visita representa a última fase dum longo processo de europeização destes cristãos, arreigados às suas tradições religiosas, de rito sírio-caldaico. Temos aqui a descrição viva de uma comunidade humana, com a sua maneira própria de viver, os seus usos e costumes religiosos, familiares e sociais, que a todo o transe procura defender.

A *Jornada do Arcebispo* reveste-se, deste modo, de duplo significado histórico. Constitui, por um lado, um dos dois documentos fundamentais para o conhecimento desta cristandade. O outro são as *Actas do Sínodo de Diamper*¹, que esta visita antecede e prepara. Antes destes dois documentos e por um período de cerca de mil anos, pelo menos, quase nada se sabe sobre a história desta Igreja oriental².

Reveste-se, por outro lado, de significado que transcende, e muito, o acontecimento que descreve, na medida em que ilustra, e de maneira bem dramática, o encontro do Ocidente com o Oriente, o embate de duas civilizações e culturas, embate que tem continuado até aos nossos dias, com o Ocidente a impor ao mundo a sua concepção de vida.

Dáí a ressonância que logo teve a publicação desta obra. Três anos depois, em 1609, era traduzida em francês, e editada simultaneamente em Antuérpia e Bruxelas³; no séc. XVIII vertida para latim⁴ e no séc. XIX traduzida em inglês⁵.

¹ Documento recentemente reeditado nesta mesma colecção: *Actas do Sínodo de Diamper*, Lisboa 1987.

² Sobre as origens desta cristandade e o evoluir do processo de europeização ver a *Introdução às Actas do Sínodo de Diamper*.

³ A versão comporta um título diferente: *Histoire orientale des grandes progrès de l'Eglise catholique en la réduction des anciens chrétiens, dits de Saint-Thomas*, Bruxelles-Anvers 1609.

⁴ J. F. RAULIN, *Historia Ecclesiae Malabaricae cum Diamperitana Synodo*, Roma 1745.

⁵ JAMES HOUGH, *The History of Christianity in India*, Londres 1839.



O autor

António de Gouveia é um dos numerosos portugueses do séc. XVI de espírito brilhante e vida, ao mesmo tempo, esplendorosa e dramática. Não havendo ainda uma monografia da sua vida e obra bem documentada, limitar-nos-emos a assinalar os dados mais importantes da sua carreira, registados nas fontes gerais das letras portuguesas.

António de Gouveia nasceu em Beja, cidade onde fez os primeiros estudos. A 4 de Junho de 1591 professa em Lisboa nos Eremitas de Santo Agostinho, do mosteiro da Graça.

Partiu para Goa em 1597, a fim de ensinar as ciências sagradas. Em 1602, o bispo de Goa, D. Aleixo de Meneses, designa-o para integrar uma embaixada dirigida ao Xá da Pérsia, missão de que ele fala no Livro III da *Jornada do Arcebispo*.

O Xá encarrega-o, por sua vez, duma missão diplomática junto de Filipe III de Espanha e do Papa, no sentido de coordenar a guerra na Europa contra os Turcos.

É nessa altura que publica em Coimbra, em 1606, o seu primeiro trabalho, a *Jornada do Arcebispo*. Entretanto o Papa nomeia-o bispo titular de Cirene, sendo-lhe conferida a ordenação episcopal na Igreja da Graça a 28 de Dezembro de 1612; e fá-lo Núncio Apostólico junto do Xá da Pérsia, com poderes de legado *a latere*. Parte assim de novo para o Oriente.

O Xá entendeu porém que ele se não desempenhara da incumbência que lhe confiara e mostra-se hostil à sua presença no país. Vê-se, por isso, obrigado a regressar à Europa. Em viagem cheia de peripécias, acaba por ser feito prisioneiro dos mouros na Sardenha e só resgatado em 1620. Dirige-se então para Espanha, recolhendo-se ao mosteiro de Mançanares de Membrilla, onde faleceu a 18 de Agosto de 1628.

Além da *Jornada do Arcebispo*, escreveu várias outras obras, de que destacamos só duas, referentes à sua actividade no Médio-Oriente: *Relação em que se tratam as guerras e grandes vitórias que alcançou o grande Rei da Pérsia Xá Abbás*, Lisboa 1611, traduzida em francês no ano de 1646; e *Relações da Pérsia e do Oriente*, Lisboa 1609 (sem nome do autor)⁶.

⁶ Para as restantes obras e título completo das citadas, Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tomo I, Coimbra 1965, 295-296.



A presente reedição da *Jornada do Arcebispo* reproduz, fotografada, a edição *princeps*, Coimbra 1606; e tornou-se possível graças ao apoio do «Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses».

O protagonista

Mais importante que o autor da obra é, a nosso ver, o protagonista dos acontecimentos nela descritos, o arcebispo de Goa, D. Frei Aleixo de Meneses, principal responsável pelo drama que abalou a cristandade do Malabar. Sobre esta ilustre personalidade dispomos de uma monografia importante, elaborada à base de cartas por ele dirigidas ao arcebispo de Braga D. Frei Agostinho de Jesus, seu tio, da autoria do Prof. Doutor P. Avelino de Jesus da Costa, da Universidade de Coimbra⁷. Por amável deferência do autor, reproduzimos, nas páginas seguintes, os passos que nos parecem mais significativos da sua vida e obra.

JOAQUIM O. BRAGANÇA

CHRISTIAN
MUSICOLOGICAL
SOCIETY OF INDIA

⁷ *Ação missionária e patriótica de D. Frei Aleixo de Meneses, Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente* in «Congresso do Mundo Português», Volume VI, Tomo 1.º, Lisboa 1940, 211-247.



D. Frei Aleixo de Meneses, Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente

Na longa série de Prelados ilustres que desde o séc. xvi até à actualidade têm governado a Sé de Goa, refulge como astro de primeira grandeza a egrégia figura de D. Frei Aleixo de Meneses.

Pelas suas excelsas virtudes, caridade sem limites e apostolado ardente, bem como pelo seu saber e tino governativo, mereceu dos seus contemporâneos e merece ainda de todos nós a maior admiração, simpatia e reconhecimento. É, por isso, justo que, nas Festas Centenárias, o seu nome seja lembrado por todos os portugueses. Nesta comunicação, que não tem pretensões de revelar coisas novas, utilizar-me-ei principalmente das cartas originais (1) que êsse grande prelado enviou de Goa a seu tio D. Frei Agostinho de Jesus, arcebispo de Braga. Essas cartas merecem crédito, porque estão inteiramente de acôrdo com outros testemunhos coevos e porque o arcebispo as escreveu, sem intenção de vir a público, para dar conta a seu tio *cô uerdade e singeleza* (2) de todos os seus trabalhos e projectos, alegrias e tristezas.

D. Frei Aleixo de Meneses nasceu em Lisboa a 25 de Janeiro de 1559, tendo por pais D. Aleixo de Meneses, aio de D. Sebastião, e D. Luíza de Noronha.

(1) Estas cartas, em número de 15, fazem parte do códice n.º 42, fl. 342 a 407, da Biblioteca do Seminário Conciliar de Braga e têm as seguintes datas: 1.ª, 23 de Dez. de 1595; 2.ª, 18 de Dez. de 1596; 3.ª, 9 de Dez. de 1597; 4.ª e 5.ª, 16 de Dez. de 1600; 6.ª, 23 de Dez. do mesmo ano; 7.ª, 20 de Dez. de 1601; 8.ª, 23 de Dez. de 1602; 9.ª, 20 de Dez. de 1603; 10.ª, 16 de Fev. de 1605; 11.ª, 21 de Out. e 12.ª, 16 de Dez. de 1605; 13.ª, de 10 de Dez. e 14.ª, de 29 de Dez. de 1607; 15.ª, de 2 de Fev. de 1608.

No mesmo códice encontra-se uma carta de D. Frei Aleixo a Felipe II, de 23 de Dez. de 1602, e o instrumento de renúncia à Sé de Goa datado de 24 do mesmo mês e ano, mas que não foi aceita.

(2) Carta 9.ª



Recebeu uma esmerada educação e aos 15 anos de idade deixou o mundo para entrar no convento de N.^a S.^a da Graça, de Lisboa, onde recebeu o hábito de eremita de Santo Agostinho. Aos 18 anos foi para Coimbra cursar filosofia e teologia. Depois de terminados os estudos com distinção e de ordenado, entregou-se à pregação com grande fruto e desempenhou lugares importantes na sua Ordem. Por morte do arcebispo de Goa D. Frei Mateus de Medina, Felipe II escolheu D. Aleixo de Meneses para essa diocese por reconhecer que êle tinha tôdas as qualidades requeridas para se impor ao respeito dos fidalgos e orientar os Vice-Reis no espinhoso govêrno da Índia, concorrendo assim para a conservação e prosperidade daquele Estado. D. Frei Aleixo, que por humildade e vocação era alheio a honras e dignidades, apresentou várias razões e desculpas para se escusar: «Quando a Mag.^{de} delRey q̃ deus aia me quis tirar de minha cella pera me mandar a estas partes em q̃ no lugar em q̃ estou não achaua quem o siruisse a seu guosto, lhe pus diante m.^{tos} inconuenientes» (3).

De nada valerem as razões apresentadas e D. Frei Aleixo teve de aceitar a prelazia de Goa depois de muito instado por vários fidalgos e pelo próprio rei, que neste sentido lhe escreveu uma carta a 21 de Novembro de 1594.

D. Felipe mostrou o seu reconhecimento, concedendo grandes mercês ao novo arcebispo: 5000 cruzados para a sagração e embarque; 9000 cruzados de renda anual (4); isenção dos Vice-Reis na escolha dos clérigos para os benefícios eclesiásticos e impondo aos Vice-Reis a obrigação de o consultarem em todos os negócios de importância. O futuro encarregou-se de demonstrar, em breve, quam acertada fôra a escolha de D. Frei Aleixo de Meneses para a alta e difícil missão de arcebispo de Goa.

Foi sagrado na Graça a 26 de Março de 1595 e nesse mesmo ano embarcou para a Índia a bordo da nau N.^a S.^a da Vitória, levando consigo os graciosos Frei Cristóvão do Espírito Santo, Frei Diogo de Santana e Frei Diogo da Conceição, seu bispo auxiliar, que morreu na viagem. Durante esta sobreveio uma grande enfermidade: «e não escaparão de quinhentos e cincoenta homens

(3) Carta a Felipe II e carta 8.^a a D. Frei Agostinho de Jesus.

(4) Arquivo H. Colonial, cód. n.º 36, fl. 69, e cód. n.º 39, fl. 97.



I N D E X

- Cap. 4. De como o Arcebispo se vio com el Rey de Porcã, & da visitação das das Igrejas de Diamper, Parù pequeno, & Molandurte, fol. 85.
- Cap. 5. Da visitação das Igrejas de Agaparambim, & do Mangate, & de hum caso muy notauel que neste Bazar aconteceo fol. 89.
- Cap. 6. Da visitação das Igrejas de Vaicota, Muram, Paliparam, & Culucate, fol. 90.
- Cap. 7. Da visitação das Igrejas de Porcã, Calecoulão, & Coulão, fol. 92.
- Cap. 8. Do que o Arcebispo fez na fortaleza de Coulão, fol. 94.
- Cap. 9. Da visitação da Igreja de Teuallecare, & do que passou o Arcebispo com o Rey da Gundara, fol. 97.
- Cap. 10. Da visitação das Igrejas de Calare, & Caramanate, fol. 101.
- Cap. 11. De como o Arcebispo concluiu as pazes com el Rey de Callecoulão, & da visitação das Igrejas de Catipali, Coliaranganê, Podiagabo, & Naranhã.
- Cap. 12. Da visitação das Igrejas de Canganor.
- Cap. 13. Da visitação das Igrejas de Changanare, Poligunde, Pronto, & Carturte.
- Cap. 14. Da visitação das Igrejas de Corolengate, & Iguapeli.
- Cap. 15. Do que o Arcebispo passou em Parù, & de como vindo se pera Goa deixou por Governador do Bispado da Serra ao Arcediogo della.
- Cap. 3. De como o Arcebispo partio de Còchim, & do que passou até se ver com o Rey Samorim.
- Cap. 4. De como o Arcebispo vio com o Samorim Rey de Calicut na praça de Coriche.
- Cap. 5. De como o Arcebispo visitou a Igreja de Mangalor, & de hum caso notauel de hum penitente que se confessou com elle, aonde se rambem dá noticia do sitio da fortaleza da serra de Asarim.
- Cap. 6. Da visitação das Igrejas de Barcellor, & Onôr, & de hua festa que se fez ao Demonio no Reyno de Garçopá.
- Cap. 7. De como o Arcebispo chegou a Goa, & de hua conuerção notauel de hum gentio que aconteceo antes de entrar na Cidade.
- Cap. 8. Do que passou no Bispado da Serra depois que se o Arcebispo se recolheu a Goa.
- Cap. 9. De como o Arcebispo determinou levar os Cassanares da Serra à Ilha de Sacosora, & fazer na Christãdade della o que deixaua feito na do Malanar, & do que nisso passou.
- Cap. 10. Dos ritos & costumes que guardão os Biduins de Sacosorã a que chamão Christãos.
- Cap. 11. De como se descobrio hum pouo no Bispado da Serra, dos Christãos q̃ não são bautizados, & recebeo o bautismo, & de tres Religiosos da Ordem de nosso Padre S. Agostinho, que o Arcebispo mādou ao grão Xâ da Persia.
- Cap. 12. De como os Religiosos embaixadores partirão de Ormuz, & fizeram seu caminho até chegarem a Corte do Xâ, & do que com elle passarão.

LIVRO TERCEYRO.

- Cap. 1. Do que o Arcebispo fez em Còchim antes de se embarcar pera Goa.
- Cap. 2. De como o Arcebispo iurou o Rey de Porcã por irmão em armas del Rey de Portugal, & dos concertos q̃ com elle fez.
- Cap. Ultim. De como o Xâ despedio hum Embaixador seu em minha companhia pera o Visorey da India.

F I M.



CHRISTIAN
MUSICOLOGICAL
SOCIETY OF INDIA
REG. NO. 118/IV/2016

For further information
regarding this text Please contact:

info@thecmsindia.org

library@thecmsindia.org

Please join the
'CMSI Benefactors Club'
and support the ongoing projects of
Christian Musicological Society Of India

- DIGITAL LIBRARY
- ARAMAIC PROJECT
- DIRECTORY OF CHRISTIAN SONGS
- ENCYCLOPEDIA OF SYRIAC CHANTS
- MUSIC ICONOGRAPHY
- CHRISTIAN ART